



A RECORRÊNCIA DE EXERCÍCIOS COM SÍLABAS EM DIÁRIOS DE CLASSE DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS (1973 -2010)

Gisele Ramos Lima¹ - UFPel

Resumo: O presente pesquisa tem como objetivo principal apresentar os resultados iniciais de uma pesquisa que analisa a recorrência de atividades/exercícios envolvendo sílabas no planejamento diário das aulas de professoras alfabetizadoras. A pesquisa utiliza como fonte 83 cadernos manuscritos de planejamento de professoras alfabetizadoras de 1º ano/1ª série (Diários de Classe) do período de 1972 a 2010. O referencial teórico é fundamentado nos seguintes autores: Artières (1998), Chartier (2007), Ginzburg (2011), Lapuente e Peres (2010), Mignot (2006, 2008), Morttatti (ver), Pérez e García (2001), Soares (2002, 2006), Rizzo (1986), Cagliariare (2002), entre outros.

Palavras-chave: história da alfabetização, leitura e escrita, Diários de Classe, sílabas.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no decorrer do mestrado em educação em uma Universidade Federal localizada no estado do Rio Grande do Sul, cujo o propósito é analisar a recorrência de atividades envolvendo o uso de sílabas em 83 cadernos de planejamento de aulas de professoras alfabetizadoras, chamados, para o caso do Rio Grande do Sul, de “Diários de Classe”.²

A pesquisa está inserida no campo da história da alfabetização, que no caso do Brasil, segundo Maciel (2003), agrupa principalmente a problematização em torno da alfabetização em dois eixos: “os métodos de leitura e escrita e os manuais escolares – cartilhas” (MACIEL, 2003, p.233).

Peres e Lapuente (2009,) afirmam que:

¹ Graduada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente mestranda no programa de pós graduação da mesma instituição tendo como orientadora a professora Dr^a. Eliane Peres.

² Embora essa não seja uma definição comum para outros estados do Brasil (que chamam Diários de Classe apenas as folhas avulsas impressas nas quais são registradas as aulas dadas e a presença ou ausência dos alunos, como explicarei adiante), vou doravante usar essa denominação por ser a mais usada pelas professoras dos anos iniciais para o caso do Rio Grande do Sul.

A História da Alfabetização tem se constituído um importante campo de pesquisa no Brasil nos últimos anos, enfatizando, entre outras temáticas, métodos e processos de ensino da leitura e da escrita, materiais de alfabetização, com destaque para as cartilhas escolares, histórias e trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras etc. (PERES E LAPUENTE, 2009; P.141).

Dessa forma, segundo as autoras, a área da história da alfabetização, no caso brasileiro, está vinculada mais diretamente aos estudos da escola, dos métodos de ensino e das cartilhas escolares, diferentemente de estudos em outros países, como é o caso dos Estados Unidos e de Portugal e França, na Europa, onde os pesquisadores se ocupam principalmente com o “avanço dos índices de alfabetização entre as populações, as definições e as avaliações do seu impacto, a identificação de quem era alfabetizado, em que momento isso se deu e a partir de quais condicionantes históricos, culturais e sociais isso se processou” (PERES e LAPUENTE, 2009, p. 143).

Para o caso do Brasil, a área está em franco desenvolvimento (PERES e LAPUENTE, 2009; PERES, 2011a). Atualmente, há novos estudos no campo da história da alfabetização que tomam outros objetos escolares para analisar a história da leitura e da escrita inicial das crianças, entre eles, por exemplo, estão os cadernos de alunos.

Tendo como fonte e objeto de pesquisa os cadernos de alunos, Porto e Peres (2009), por exemplo, apresentam um trabalho no campo da história da alfabetização que teve como objetivo “analisar as concepções de alfabetização nos cadernos das crianças que sejam, também, indicadoras de práticas de ensino inicial da leitura e da escrita” (PORTO e PERES, 2009, p. 1).

Os cadernos dos alunos em fase de alfabetização são, ainda, destacados por Peres (2010) como uma importante e potencial fonte para o estudo histórico do ensino da leitura e da escrita. Segundo a autora:

[...] o ‘caderno de alfabetização’ é uma fonte importante que auxilia na compreensão dos processos de ensino da língua escrita e possibilita pensar sobre o que é considerado relevante para ser registrado pelos alunos no conjunto das atividades escolares, em especial aquelas referentes à leitura e à escrita. No trabalho com os cadernos, é importante ter-se em conta que, por um lado, eles revelam indícios de práticas, demonstram escolhas e opções teóricas e metodológicas das professoras, concepções de língua e ensino [...]; consideramos o caderno uma fonte histórica ‘preciosa’ que indica aspectos do trabalho desenvolvido no ensino da língua escrita e que, portanto, pode contribuir, não só como registro da história dos processos de alfabetização, mas como possibilidade concreta de problematizar o “vivido” na sala de aula (PERES, 2010, p. 3).

Contudo, não foi possível localizar estudos no campo da história da alfabetização que utilizem cadernos de planejamento de professoras alfabetizadoras – os Diários de Classe – como documento para analisar propostas de ensino e/ou atividades planejadas pelas alfabetizadoras em suas aulas visando o ensino da leitura e da escrita aos alunos, ou seja, para estudos relacionados à história da alfabetização.

Um estudo que problematiza esses Diários de Classe, ou seja, os planejamentos manuscritos de professoras como possibilidade para contribuir na escrita da história da alfabetização é o de Lapuente, Porto e Peres (2007), que afirmam:

As professoras ao planejarem seus diários não registram somente as atividades planejadas para serem desenvolvidas na sala de aula, registram um momento da história da leitura e da escrita, registram as suas concepções de alfabetização e, ao registrarem cada dia de aula, fazem história (LAPUENTE, PORTO e PERES, 2007; p.71).

Essa reflexão resultou da experiência das autoras em suas pesquisas sobre métodos de alfabetização, em que usaram, entre outras tantas fontes de pesquisa, alguns Diários de Classe. Contudo, estes não foram objeto de pesquisa e sequer a fonte principal das investigações das pesquisadoras, mas contribuíram para a compreensão da riqueza e importância do material para o estudo das práticas de alfabetização ao longo da história.

Em relação aos estudos que utilizam Diários manuscritos de planejamento de professoras, há o artigo de Cunha (2007) que apresenta esse material como uma possibilidade concreta de estudos referentes aos saberes e práticas pedagógicas da escola. Para a autora, os cadernos de planejamento:

[...] para além de um testemunho de vida profissional, permite encontrar a configuração de saberes pedagógicos que regulavam e alimentavam as práticas escolares. É, igualmente, um espaço em que é possível encontrar, também, indícios de um imaginário sobre o ofício de professor (CUNHA, 2007; p.86).

Contudo, mesmo esse estudo sendo referência importante, uma vez que usa essa fonte de pesquisa, não insere-se em uma investigação específica no campo da história da alfabetização.

Os trabalhos localizados que tomam os cadernos como objeto de pesquisa, referem-se, como afirmei, aos cadernos de alunos e não aos de professoras. Assim, considerei os

estudos de Mignot (2008), Chartier (2007), Peres e Porto (2009), Peres (2010, 2011a), Hébrard (2001), Gvirtz (1999), entre outros, como suporte teórico para análise dos dados desta pesquisa com cadernos de professoras. Alguns desses autores problematizam esse suporte de escrita. Para Gvirtz (1999, p. 29), por exemplo, “el cuaderno de clase es uno de los pocos elementos de la práctica escolar que ha sufrido un significativo proceso de naturalización”. Assim, procuram analisar esse suporte da escrita, como denomina Hébrard (2001), ou dispositivo escritural, como caracteriza Chartier (2002), ou, ainda, “objeto-memória”, conforme Mignot (s/d), na perspectiva de “desnaturalizá-lo” e problematizá-lo. Nesse sentido, observando os estudos acerca de cadernos de alunos, considere os Diários de Classe – cadernos de planejamento – como possibilidade de encontrar vestígios (GINZBURG, 2011) das práticas de ensino das professoras alfabetizadoras, ou seja, suas metodologias reveladas nos planejamentos de aulas que tinham como objetivo o ensino da leitura e da escrita. Contudo, o que diz Mignot (2008):

Com certeza, há de se descartar a possibilidade de reconstrução do currículo real. Este desapareceu e, como em toda a operação histórica, o máximo que podemos fazer é nos aproximar do passado e reconstruí-lo de modo parcial e com um enfoque determinado (MIGNOT, 2008, p.25).

Para pensar a história da alfabetização do ponto de vista das concepções e metodologias do ensino da leitura e da escrita, tomo como referência autores que problematizam os métodos e processos de alfabetização presentes nas práticas das professoras, como, por exemplo, Ferreiro e Teberosky (1999), Ferreiro (2001), Mortatti (2000, 2004), Soares (2002, 2006), Chartier e Hébrard (2001), Rizzo (1986), Cagliari (2002, 2010), Carvalho (2005), Pérez e Garcia (2001) e Lerner (2002).

As discussões para definir qual o melhor método de ensino da leitura e da escrita são tão antigas quanto o próprio ato de ensinar. Segundo Chartier e Hébrard (2001), “a cada grande etapa da história do ensino da leitura ordena-se os diferentes métodos em sistema de oposição binária” (CHARTIER E HÉBRARD, 2001; p.143). Assim, inicialmente havia a dualidade entre o método da soletração e o método da não-soletração. Por volta dos anos de 1880, a discussão centrava-se na dualidade da adoção de um método de leitura e escrita simultânea e o método com ênfase apenas no ensino da leitura. Quando já consolidada a ideia de um ensino simultâneo da leitura e da escrita, passamos a ter a dualidade entre o método analítico e o método sintético, que perduraram até metade da década de 1980, especialmente no Brasil quando entra em cena os estudos da Psicogênese da Língua (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985), momento em que os métodos adotados até então são questionados e

em algumas situações duramente rejeitados. Nos primeiros anos do século XXI, retomam-se as discussões em torno do que seja ensinar a leitura e a escrita na escola, uma discussão ligada a críticas referentes à falta de uma metodologia de ensino da leitura e da escrita.

Frente a esse panorama histórico da alfabetização reafirmo que os Diários de Classe das professoras alfabetizadoras são documento fonte e objeto de pesquisa, pois guardam de fato registros que oferecem pistas (GINZBURG, 2011) valiosas referentes às concepções e metodologias do ensino da escrita e da leitura. Tais registros permitem descrever e analisar o que tem sido historicamente o ensino escolar da leitura e da escrita.

Dessa forma, considero os Diários de Classe como documentos privilegiados de registros do fazer cotidiano de práticas pedagógicas voltadas ao processo de alfabetização das crianças, oferecendo vestígios (GINZBURG, 2011) que permitem investigar e analisar aspectos da história da alfabetização. Intenciono, assim, investigar a partir dos Diários de Classe, os tipos e as recorrências de atividades com sílabas propostas pelas professoras alfabetizadoras no cotidiano de suas classes.

Foi a recorrência das atividades com sílabas, muitas vezes apresentando indícios de estarem desvinculadas da teoria que justifica alguns métodos ou propostas de alfabetização encontradas nos Diários de Classe das professoras, que me inquietou e me fez pensar na questão de pesquisa que ora proponho, ou seja: *qual a relevância pedagógica e a concepção de linguagem presente na proposta dos exercícios com sílabas na aquisição da língua escrita?* Considero a possibilidade de resposta a essa questão como uma contribuição ao campo da história da alfabetização.

Assim, para responder a questão, utilizo como fonte e objeto de investigação os Diários de Classe que constituem parte do acervo de documentos e objetos referentes à história da alfabetização, pertencentes a um grupo de pesquisa de uma Universidade do Rio Grande do Sul que se dedica a estudar a história da Alfabetização.

A seguir apresento a descrição do acervo utilizado para o levantamento de dados, a metodologia utilizada na pesquisa e resultados preliminares, por fim as considerações finais.

O acervo de Diários de Classe objeto e fonte da pesquisa

O acervo de Diários de Classe do grupo de pesquisa de uma Universidade localizada no estado do Rio Grande do Sul constitui-se a partir de doações de professoras ou pessoas próximas às professoras alfabetizadoras. Um dado relevante a considerar é que o suporte desses planejamentos de aulas são cadernos de aula ‘comuns’³ (a maioria do acervo dos Diários é constituído de cadernos grandes com encadernação de espiral medindo 200mmx275mm). Cabe aqui uma relação entre os cadernos das professoras e o que Chartier (2007) afirmou referindo-se aos cadernos dos alunos, ou seja, de que cadernos são, ao mesmo tempo, uma fonte e objeto de investigação “fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade” (CHARTIER, 2007, p. 23). Além da ausência de estudos no campo da história da alfabetização que usem Diários de Classe como fonte e objeto de estudo, é preciso, portanto, considerar essa “aparente banalidade” que caracteriza esses materiais (sem “valor burocrático” e administrativo na escola) os quais, assim como os cadernos de alunos, apenas recentemente estão ganhando *status* de objeto e fonte de pesquisa (PERES, 2011a).

A ampliação⁴ e a conservação do acervo, não só dos Diários de Classe, mas também dos demais documentos que são preservados e estudados pelos integrantes do grupo de pesquisa, envolve os participantes do referido grupo na busca, na conservação e na análise desses materiais. A conservação dos Diários de Classe exige cuidados especiais, uma vez que muitos deles chegam a nossas mãos em estado precário pelo desgaste do tempo e do manuseio.

O acervo hoje tem 83 diários conforme apresentado na Tabela 1

Tabela 1

Total de Diários de planejamento por década	
Década	Número de Cadernos
1970	03
1980	18
1990	24
2000	37
Sem data	1
TOTAL	83

³ Cadernos com encadernação de espiral ou grampeado vendidos em papelarias, comprados por alunos, professores e outras pessoas.

⁴ A ampliação do acervo das cartilhas e livros de alfabetização ocorre por doações ou aquisição dos mesmos em sebos; a ampliação do acervo de Diários de planejamento de professoras alfabetizadoras e dos cadernos dos alunos faz-se, até o momento, somente por doações.

Do total de oitenta e três diários, vinte e três são de uma mesma professora que trabalhou durante toda sua vida profissional em uma mesma escola de interior com turmas multisseriadas⁵. Os demais Diários do acervo são de professoras diversas que atuavam como alfabetizadoras em escolas públicas e/ou privadas de municípios diversos.

Os Diários de Classe são cadernos nos quais as professoras alfabetizadoras registram diariamente seu planejamento de aula, ou seja, os exercícios, as atividades e os procedimentos que serão desenvolvidos com os alunos na sala de aula. Esses Diários são organizados por dia, como o nome indica, e, alguns, além do registro dos exercícios e das atividades, contêm anotações referentes ao aprendizado e ao comportamento dos alunos. Em alguns Diários encontram-se, ainda, bilhetes, anotações de compromissos pessoais e profissionais das professoras e outras anotações referentes ao cotidiano da escola, da sala de aula e dos alunos, bem como gravuras, pensamentos, versos, poemas e fotos de familiares ou de alunos.

Esses Diários de Classe são de “propriedade” das professoras, não ficam arquivados na escola no final do ano letivo e, mesmo seguindo certa estrutura, porque em alguns momentos são verificados pela supervisora da escola, as professoras têm maior “liberdade” para organizar e fazer registros além daqueles referentes aos planejamentos das aulas como já referi.

Considero, assim, os Diários de Classe como escritas ordinárias de natureza profissional (MIGNOT, 2006) que registram no dia a dia boa parte do que foi desenvolvido na sala de aula, ou aquilo que seria trabalhado em um determinado dia de aula, ou seja, o que a professora pretendia desenvolver com os alunos⁶. São escritas que muitas vezes ficam “silenciadas” no cotidiano da escola e na própria história da educação, mas que podem ajudar a contar parte da história do ensino da leitura e da escrita, pois o planejamento das aulas oferece pistas (GINZBURG, 2011) de como se organiza o tempo e o espaço da sala de aula, as rotinas estabelecidas para os alunos e as perspectivas de ensino e de aprendizagem.

Muitas são as escritas de professores realizadas na escola que podem contribuir para escrever a “história do cotidiano escolar”, como, por exemplo, aspectos da história da leitura e

⁵ Turmas ou classes multisseriadas são turmas compostas por alunos de diferentes adiantamentos sobre a responsabilidade de uma única professora.

⁶ Em alguns diários encontra-se no planejamento de aulas o registro das professoras de que determinada atividade não foi possível ser trabalhada, mas entendemos que como foi planejada, havia por parte da professora a intenção de que as crianças a realizasse.

da escrita. Esse material, via de regra, acaba sendo descartado, desprezado por não ser considerado oficial. Mignot e Cunha (2006), referindo-se a essas escritas ordinárias de caráter profissional, afirmam que os arquivos escolares:

[...] não preservam os escritos de professores e de alunos que, igualmente, ajudariam a compreender as práticas pedagógicas, a aprendizagem da leitura e da escrita, a chegada de novos artefatos técnicos às escolas, a cultura e o cotidiano escolar (MIGNOT e CUNHA, 2006, p.51).

Assim, os Diários de Classe que utilizo na pesquisa para desenvolvimento da dissertação de mestrado, não são documentos guardados na escola, eles foram conservados pelas professoras ou por algum familiar que fez a doação ao grupo de pesquisa, que tem se ocupado de preservar a história da alfabetização, especialmente através desses materiais que são considerados “ordinários” e praticamente “sem valor”, pelo menos até recentemente, como fonte e objeto de investigação. Apenas ultimamente, e ainda de forma rarefeita, a história da educação tem se preocupado com a preservação e a pesquisa com esse tipo de documento.

Metodologia da pesquisa

A elaboração do projeto de pesquisa iniciou com meu envolvimento na organização do acervo de Diários de Classe do grupo de pesquisa. A partir do contato com esse material, e no trabalho de sua organização e guarda, foi possível pensar na seguinte problematização: *qual a relevância pedagógica e a concepção de linguagem presentes nos exercícios com sílabas presentes nos planejamento cotidiano das professoras alfabetizadoras na aquisição da língua escrita?*

No momento em que iniciar o trabalho, tive um ‘encantamento’ com esses cadernos, sentimento este que foi necessário superar para poder olhá-los como documentos que oferecem possibilidades e limites para alcançar o objetivo da pesquisa tendo o cuidado de “[...] tirar dos *documentos* tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm” (LE GOFF, 1996, p.527).

Para proceder à pesquisa nos Diários de Classe e coletar dados que permitam analisar e investigar os tipos e a recorrência de atividades com sílabas propostas pelas professoras no cotidiano de suas classes de alfabetização, utilizarei, como referi, o paradigma indiciário de

Carlo Ginzburg (2011), considerando que este tem em seu princípio colocar a atenção nos detalhes aparentemente sem importância.

O paradigma indiciário permite não fixar o interesse somente nas características aparentes que ligam os exercícios registrados nos Diários de Classe a determinada metodologia de ensino da escrita, o que pode oferecer de forma direta conclusões equivocadas sobre as concepções e metodologias das professoras a respeito do ensino da escrita e da leitura.

Ainda de acordo com o paradigma indiciário, não serão os exercícios explícitos que oferecerão as respostas diretas e sim a soma destes a uma análise cuidadosa dos detalhes no conjunto do material. Estes detalhes são as possíveis anotações nas bordas do caderno, a presença ou ausência de explicações de como os exercícios serão desenvolvidos, os registros das observações referentes ao aprendizado ou das dificuldades dos alunos, entre outras anotações escritas nos Diários de Classe.

Dessa forma, quando se trabalha com o paradigma indiciário, aguça-se o interesse em relação ao documento, como diz Ginzburg (2011) quando se refere ao proposto por Morrelli em relação à análise da autenticidade ou não das obras de arte:

[...] é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis [...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciados, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia (GINZBURG, 2011, p.144).

Esse paradigma abre um campo de possibilidade e exige do pesquisador um interesse mais minucioso, não linear e desvinculado a regras formalmente ditas. Nessa direção, Ginzburg (2011) afirma:

Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entra em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de visão e intuição (GINZBURG, 2011, p.179).

Frente à escolha pelo trabalho com o paradigma indiciário é necessário pensar na forma de coletar os dados nos documentos, ou seja, nesse caso, nos Diários de Classe. Assim, inicialmente foi elaborada uma ficha descritiva contendo as informações que julguei

necessárias para a realização da pesquisa⁷. A ficha descritiva dos Diários é composta de 17 campos que são preenchidos com informações gerais referentes aos mesmos, são eles: imagem da capa e contra-capas; folha de rosto ou 1ª página do Diário; década; ano; série/ano; nome da escola e da rede de ensino; nome do município em que a escola está situada; nome da professora; data de início e do término dos registros de planejamento; número de planejamentos registrados; registros de rotinas; descrição das 1ª aulas que oferecem indícios (GINZBURG, 2011) da metodologia de alfabetização; atividades mais recorrentes; referências ao uso de cartilhas ou livros didáticos; presença ou não de outros registros além do planejamento das aulas; presença ou não de folhas mimeografadas ou fotocopiadas; outras observações.

Em decorrência do levantamento dos dados registrados na ficha descritiva, foi possível perceber a falta de detalhamento em relação ao tipo de exercício proposto pelas professoras e a periodicidade com que essas atividades ocorrem nos Diários. Acreditava que estes dados ofereceriam vestígios mais precisos para definir a metodologia adotada pelas professoras e a concepção de ensino da leitura e da escrita presente em seus planejamentos, além da possibilidade de mapear os tipos e as recorrências das atividades propostas para o ensino da leitura e da escrita. Para pensar na forma de proceder a organização dos dados referentes ao tipo de exercícios propostos e a periodicidade dos mesmos, baseei-me nos estudos de Albuquerque, Morais e Ferreira (2008) referente a pesquisas em que analisam as práticas cotidianas de professoras alfabetizadoras.

Nesse estudo, os autores, através de observações de aulas de turmas em processo de alfabetização, elaboram uma tabela contendo na 1ª coluna a descrição dos exercícios diários desenvolvidos na sala de aula pelas professoras e nas colunas a seguir as datas em que as atividades eram trabalhadas. O objetivo dos autores foi o levantamento de dados para investigar como as práticas da leitura e da escrita se concretizam atualmente na alfabetização inicial. Considerei a metodologia adequada para verificar a recorrência e tipo de exercícios⁸ presentes nos cadernos de planejamento das professoras no período estudado.

Optei então, também, por elaborar tabelas de registro das atividades, uma para cada um dos 83 Diários. Para construir a tabela, inicialmente, retomei as fichas descritivas e parti

⁷ A elaboração desta ficha foi realizada a partir de uma ficha já existente no grupo de pesquisa para categorizar os dados do acervo de cadernos de alunos.

⁸ Entendendo exercício e atividade como sinônimos.

das atividades citadas. Decidi, então, fazer o levantamento das atividades seguindo a ordem cronológica dos Diários de Classe, iniciando pelos mais antigos, ou seja, dos anos 1973.

Após montar a 1ª tabela para mapear as atividades dos Diários de Classe (Tabela 2), que eu consideraria como referência para todos os Diários de Classe, passei para o trabalho de levantamento de dados no 1ª Diário, o de 1973, procedendo da seguinte forma: a medida em que a atividade aparecia no planejamento da professora em determinado dia, eu realizava o registro marcando um “X” no dia correspondente ao registro da atividade. Essa estratégia pode ser observada na reprodução de um exemplo da tabela 1 na qual consta uma pequena parte dos dados retirados de um Diário de Classe de 1987.

Tabela 2
Exemplo de atividades registradas em um
Diário de Classe do ano de 2003

data	Atividade oral c/rima	Liga sílaba inicial ao desenho	Estuda palavras ou sílaba ou frases	Une sílaba e forma palavras	Lê e escreve palavra	Liga palavras iguais	Enche linha com a palavra	União de letras (som) p/formar palavras e sílabas	Escreve sons	Copia e lê palavra/frase **
04/4						x	x		x	
07/4			x							x
08/5				x						x
09/5						x				

Foi necessário, contudo, no decorrer do levantamento de dados, acrescentar várias atividades nas tabelas, especialmente pela sua variação, o que me levou, também, a confirmação de que os dados das fichas descritivas de fato não eram suficientes para categorizar os dados e responder as perguntas da pesquisa, quais sejam, *quais os tipos e as recorrências de atividades com sílabas propostas pelas professoras alfabetizadoras no cotidiano das classes de alfabetização no período em questão? qual a relevância pedagógica e a concepção de linguagem presentes nos exercícios com sílabas presentes nos planejamento cotidiano das professoras alfabetizadoras na aquisição da língua escrita?*

Na etapa de levantamento das atividades dos Diários de Classe das outras décadas, percebi que seria mais ‘produtivo’ não elaborar as tabela previamente tendo como base os dados das fichas descritivas dos Diários, e sim voltar ao material original, ou seja, aos próprios Diários de Classe para fazer o registro das atividades na tabela, pois, em vários casos, na ficha descritiva não estavam anotadas todas as atividades, mas somente aquelas que em um primeiro momento pareciam mais recorrentes e significativas. Dessa forma, a

reorganização da tabela ofereceu maior visibilidade em relação ao que foi planejado pelas professoras e uma ampliação do registro das atividades, especialmente os de sílabas, foco deste estudo.

Assim, a partir dos dados levantados nas tabelas e nas fichas descritivas dos Diários pesquisados e com uma primeira categorização desses dados referentes às diferentes atividades com sílaba será possível encontrar respostas às questões propostas e alcançar os objetivos delimitados para a dissertação de mestrado.

Inicialmente é possível afirmar que a recorrência das atividades com sílabas remete à concepção que o professor tem sobre a linguagem quando elabora o seu planejamento, conforme expressa Cagliari (2010)

[...] dependendo da maneira como uma pessoa interpreta o que a linguagem é, como funciona, que uso tem um determinado comportamento pedagógico e métodos diferentes na prática escolar. Inversamente, pode-se ver com clareza na prática em sala de aula, nos métodos que a escola usa, qual a concepção de linguagem subjacente. (CAGLIARI, 2010; p.42-43).

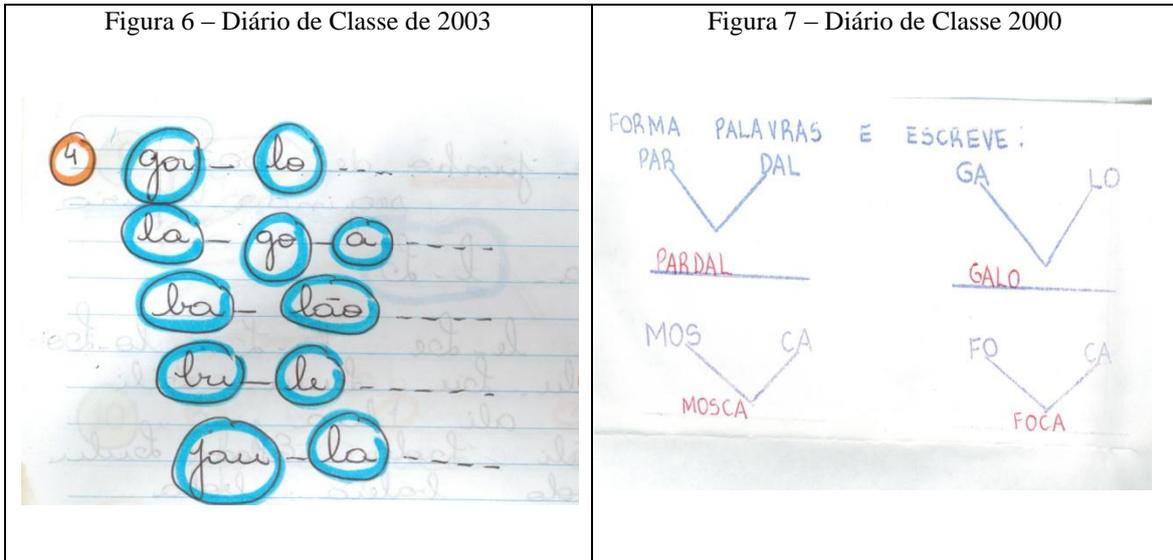
Partindo desse pressuposto, acredito que as atividades com sílabas presentes nos Diários revelam indícios das concepções de linguagem presentes nas classes de alfabetização, o que, de certa forma, explicaria a sua permanência até os dias atuais. Eis aí a problemática da pesquisa proposta.

Assim, o trabalho com sílabas, dependendo do contexto, pode ser considerado uma atividade vinculada à concepção de que “alfabetizar é montar e desmontar a língua” (CAGLIARI, 2010, p.44). Ainda segundo o mesmo autor, o uso das sílabas está presente no planejamento de quem acredita que a melhor maneira de alfabetizar alguém é:

[...] desmontando e remontando, ou montando coisas novas, a partir de pedaços. Neste caso, parte-se sempre de um modelo exemplar, por exemplo, uma palavra chave. Depois, desmonta-se a palavra em “pedaços” (sílabas). Em seguida, desmontam-se as sílabas em letras (ou sons). Feito isto a palavra é remontada. Assim a professora espera que o aluno aprenda como funciona a escrita e que relação tem com a linguagem oral (CAGLIARI, 2010, p.45).

As palavras do autor contribuem para a reflexão e análise dos exercícios com sílabas presentes nos Diários de Classe estudados, pois independente da chamada “guerra dos métodos”, uma primeira organização dos dados indicam a recorrência e a permanência de exercícios que utilizam as sílabas, independente da proposta de alfabetização adotada pela

professora. Tais exercícios vão desde a tradicional atividade de “encher linha”, até atividades como ligar, juntar, organizar, formar, completar, separar, entre outros exercícios⁹, como os apresentados nas figuras abaixo:



Estes são alguns exemplos do tipo de atividades com sílabas registrados nos diários de Classe das professoras alfabetizadoras que serão foco de problematização e análise na dissertação de mestrado.

A pesquisa está em fase de levantamento de todas as atividades com sílabas presentes nos diários e agrupamento das mesmas de acordo com a tipologia do exercício, ou seja, ‘junta sílabas’, ‘separa sílabas’, ‘escreve palavras com as sílabas apresentadas’, ‘ordena sílabas’, ‘junta letra e forma sílaba entre outras atividades propostas’, sempre levando em consideração o contexto apresentado no planejamento das professoras. Este agrupamento se justifica para posteriormente categorizar as atividades com sílabas considerando a intenção pedagógica exigida no desenvolvimento das atividades e qual a concepção de linguagem presente nestes exercícios, bem como qual a relevância pedagógica das mesmas relacionados ao processo de alfabetização considerando sua recorrência ao longo do período estudado.

Considerações

⁹ Os exercícios foram digitalizados dos Diários de Classe do acervo.

O trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento. A partir da análise preliminar dos Diários de Classe é possível perceber a presença de atividade com sílabas nas propostas das professoras alfabetizadoras independente do método por elas adotado. Esta presença de atividades com sílabas deixa indícios de que as mesmas têm relevância pedagógica em suas práticas e podem revelar as concepções de linguagem presentes no ensino da leitura e da escrita.

Assim intenciono ao final da coleta e análise de dados escrever a dissertação de mestrado apresentando as concepções de linguagem presentes nestes exercícios e relevância pedagógica dos mesmos no planejamento das aulas das professoras alfabetizadoras, contribuindo as discussões a cerca do que fazem as professoras alfabetizadoras quando se propõem a ensinar a leitura e a escrita a seus alunos.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliane Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. **As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras**. IN: Revista Brasileira de Educação. V.13, nº 38, maio/ago. 2008, p.252-256.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivando a própria vida. IN: **Revista Estudos Históricos**. V. 11, nº 21, 1998, p. 9-34.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguagem**. São Paulo: Editora Scipione, 2002, 10ª edição.

_____. **Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Editora Scipione, 2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetização e leitura: um diálogo entre teoria e prática**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CHARTIER, Anne Marie. **Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração**. In: CHARTIER, Anne Marie. Práticas de leitura e escrita. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

CHARTIER, Anne Marie. **Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária**. Revista Brasileira de História da Educação. Nº 3. Campinas, SP: Autores Associados, janeiro/junho, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie; HÈBRARD, Jean. **Método silábico e Método global: alguns esclarecimentos históricos**. In: História da Educação? ASPHE – UFPEL. Nº10 – Pelotas: Editora UFPel, 2001, p.141-154.

CHARTIER, Anne-Marie. **Prática de leitura e escrita**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

CUNHA, Maria Tereza Santos. **No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX)**. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez. 2007, p. 79-99.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, Carlos. Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras. 2011, p. 143-179.

GVIRTZ, Silvina. **El discurso escolar a través de los cuadernos de clase**. Buenos Aires: Editora Universidade de Buenos Aires. 1999.

LAPUENTE, Janaina Soares Martins; PORTO, Gilceane Caetano, PERES, Eliane Terezinha. **Acervos Pessoais de professoras Alfabetizadoras: A Contribuição dos Diários de Classe para a História da Alfabetização em Pelotas**. Revista Alfabetização e Letramento. Núcleo de Pesquisa “Alfabetização e Letramento”. Faculdade de Educação. UFPel, Pelotas, V.1, p. 71-86, 2007.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. **História da alfabetização: perspectivas de análise**. In: FONSECA, Thais Nivia de Lima; FONSECA, Cynthia Greice Veiga. História e Historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos**. IN: Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ,2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Tereza Santos. **Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as**. IN: Revista Educação em Qualidade. Nº 11, V.25. Jan./abr. 2006, p.40-61.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Um certo objeto-memória: apontamentos sobre cadernos escolares.** s/d Disponível em <http://www.lab-educimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/commig.pdf>. Acessado em 12/12/2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Educação e letramento.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

PERES, Eliane. **A alfabetização vista através de cadernos escolares (1958-2009). (Painel: História da alfabetização e da cultura escrita: perspectivas conceituais e discussão das fontes).** In: Anais do XV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 1. p. 1-12.

PERES, Eliane. **A produção sobre história da alfabetização no Rio Grande do Sul: as contribuições do grupo de pesquisa HISALES (FAE/UFPEL).** In: Mortatti, Maria do Rosário Longo. *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história.* São Paulo: Cultura acadêmica; Marília; oficina Universitária, 2011a, p.243-264.

PERES, E. T. ; SOUZA, G. . **Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar (im)possibilidades de investigação.** In: CASTRO, César Augusto. (Org.). *Cultura Material Escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925).* 1 ed. São Luís: EDUFMA:Café & Lápis, 2011b, v. 1, p. 43-68.

PERES, E. T. ; LAPUENTE, J. S. M. . **História da alfabetização: a constituição de um campo de pesquisa.** In: MOLON, Susana Inês; DIAS, Cleuza Maria Sobral. (Org.). *Alfabetização e Educação Ambiental: contextos e sujeitos em questão.* 1 ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2009, v. 1, p. 141-156.

PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCIA, Joaquim Ramos. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?.** In: PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCIA, Joaquim Ramos (org) *Ensinar ou aprender a ler e a escrever.* Porto Alegre: Artmed 2001, p.15-27.

PORTO, Gilceane Caetano; PERES Eliane. **Concepções e práticas de alfabetização: o que revelam cadernos escolares de crianças?.** In: 32ª Reunião da ANPED – Sociedade cultura e educação: novas regulações?. Caxambu: ANPED, 2009, V.1 p.1-15.

RIZZO, Gilda. **Os diversos métodos do ensino da leitura e da escrita: estudo comparativo.** Papeleria América Latina, 1986, 4ª edição.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2 ed., 5.reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Magda. Apresentação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Isabel Pereira (orgs.). **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX).** Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

_____. **A reinvenção da alfabetização.** Parte de palestra proferida na FAE UFMG, em 26/05/2003, na programação "Sexta na Pós". Transcrição e edição de José Miguel Teixeira

de Carvalho e Graça Paulino. Disponível em
<http://www.meb.org.br/biblioteca/artigomagdasoares>. Acesso em: 3 mar. 2006